

QUANDO O ANTROPÓLOGO DESENHA: EXPERIMENTANDO OUTRO OLHAR SOBRE A ETNOGRAFIA

FELIPE SEVERO SABEDRA SOUSA¹; GUILHERME RODRIGUES DE RODRIGUES²; CLAUDIA TURRA MAGNI³

¹ Acadêmico Bacharelado em Antropologia UFPel – felipesousa4@hotmail.com

² Acadêmico Bacharelado em Antropologia UFPel – guilhermerdr.rodrigues@gmail.com

³ Docente Bacharelado e Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFPel – clauturra@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho procura refletir sobre a utilização de desenho como prática de ensino na graduação (e pós-graduação), com base na experiência obtida na disciplina de Oficina de Imagem e Som em Antropologia (graduação) e Antropologia e Imagens (pós-graduação), ofertadas no primeiro semestre de 2016, ministradas pela Professora/Doutora Claudia Turra Magni, no Laboratório de Ensino, Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS), localizado no Instituto de Ciências Humanas (ICH) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

Partimos do entendimento de que o desenho é instrumento para pensar e fazer Antropologia, buscar respostas para as questões centrais na pesquisa de campo, instigar perguntas, pistas, respostas e soluções que surgem do emprego desta prática em termos de construção de narrativas e de percepções do encontro etnográfico. Deste modo, visamos à incorporação do exercício do desenho no ensino do método etnográfico, considerando ainda que ele pode auxiliar nas relações, conversas e trocas em trabalho de campo, além de permitir ao pesquisador aguçar seu olhar sobre o universo empírico, partilhar momentos lúdicos com seus interlocutores e incorporar este elemento gráfico nos resultados da pesquisa.

Considerando meu envolvimento e participação como aluno na referida disciplina de graduação, desenvolvida em forma de oficina, analiso aqui como o desenho se torna parte do ensino do fazer etnográfico, tanto para alunos iniciantes, quanto para os mais experientes.

2. METODOLOGIA

Em seu texto e site homônimo, “Ensinando antropólogos a desenhar”, Karina Kuschnir (2014) provoca pesquisadores e docentes a integrar esta prática como um método de ensino da pesquisa etnográfica, tanto para graduação quanto para pós-graduação.

A parte da disciplina acima referida centrada neste tema foi desenvolvida em forma de oficina, após discussões sobre o assunto. Foram fornecidos folhas, lápis de cor e outros materiais para a elaboração dos trabalhos. Várias técnicas de desenho foram exercitadas, visando familiarização com uma forma de expressão praticamente esquecida pela maioria dos participantes e muito pouco valorizada em termos acadêmicos no âmbito das Ciências Sociais.

O grupo de cerca de 30 pessoas foi dividido em três. Para o primeiro, foram colocados no centro de uma mesa coletiva alguns objetos da rotina do laboratório, tais como a jarra da cafeteira, a garrafa térmica. Então, foi proposto a cada aluno que observasse e desenhasse o objeto, o que gerou desenhos completamente distintos, considerando estilo, experiência, mas, sobretudo, a relatividade do ângulo, distância e ponto de vista do aluno em relação a esse objeto (Figuras 1 e 2). Paralelamente, outro grupo teve o desafio de observar e desenhar um objeto (prateleiras de armário), mas não a partir das formas e linhas que delimitam seu conteúdo, e sim a partir dos espaços vazios verificados para além destes contornos. Desta experiência desestruturativa, provocou-se no aluno um deslocamento do olhar, desnaturalização do objeto e estranhamento do universo em que estamos inseridos (Figuras 3 e 4).

O terceiro grupo de alunos sentou-se em duplas, com a tarefa de desenhar o rosto do colega, sem visar à folha. Pretendeu-se com isso estimular a construção de uma relação de alteridade, sem privilegiar a representação mimética e realista do produto gráfico resultante, mas sim o caráter construtivo, expressivo e criador possível de ocorrer neste encontro com o outro (Figuras 5 e 6). Posteriormente, todos os alunos foram convidados a fazer e apresentar para o coletivo um desenho de observação realizado durante o trabalho de campo no universo de pesquisa que já desenvolvem. Os constrangimentos, dificuldades e benefícios deste exercício foram discutidos em aula (Figuras 7 e 8).

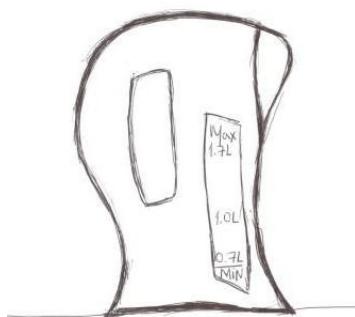


Figura 1

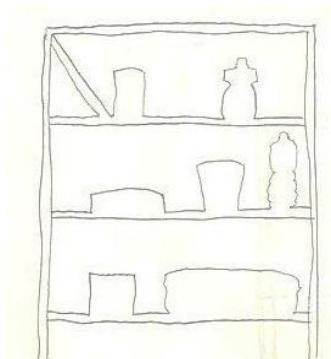


Figura 3



Figura 5



Figura 2

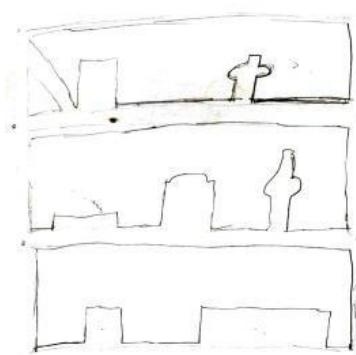


Figura 4



Figura 6

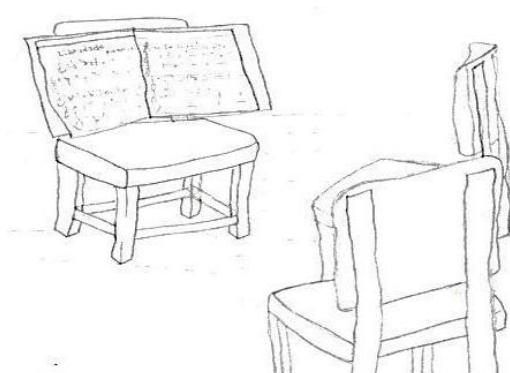


Figura 7

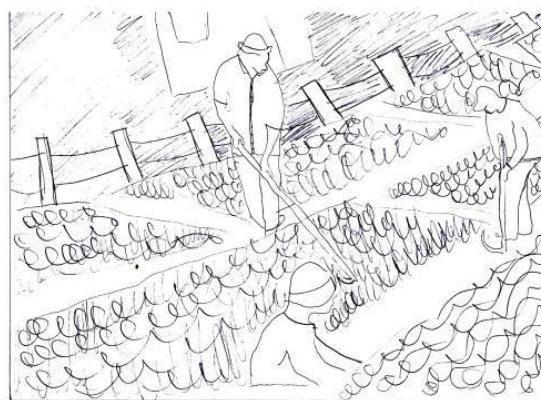


Figura 8

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O hábito de desenhar na graduação não é muito comum, mas deveria ser adotado mais comumente por docentes, principalmente para auxiliar os discentes no aprendizado do desenvolvimento de pesquisas que envolvam trabalho de campo, e particularmente, encontros etnográficos. Não se trata de privilegiar o caráter documental dos dados de campo, tampouco de atribuir objetividade ao material empírico. Trata-se, antes, de aprimorar o olhar observador, de desnaturarizar o modo de ver e conhecer as pessoas, as coisas, os espaços, as práticas e valores sociais e culturais. Com o auxílio do desenho, pode-se ampliar as formas de descrever e grafar nosso universo de pesquisa, mas sobretudo, aprofundar as relações com os interlocutores em campo. Desconstróiem-se hierarquias construídas em torno do status acadêmico, tornando o encontro etnográfico mais simétrico e mais amistoso.

Com um desenho feito em campo, você pode observar detalhes que passariam completamente despercebidos numa observação, pois a própria escrita não dá conta totalmente de uma descrição etnográfica, por suprimir outros sentidos sobre os quais não haveria palavras suficientes para expressar, na medida em que abrangem a mistura da percepção da sensação gerada pelo pesquisador. Ao precisarmos fazer uma descrição detalhada sobre um determinado espaço, como por exemplo, de um cemitério, onde um espaço está reservado para um veleiro (local de acender velas), podemos descrever em palavras o que estamos vendo, porém, se temos uma imagem ou um desenho é possível ir além, complementar ainda mais esta experiência de campo que envolve a sensação mórbida de paredes cinzentas, em contraste com o fogo vivo, que queima em cada vela, tampouco o intenso cheiro da cera que se propaga no ar, ou ainda o misto de sensações obtidas com o fundo sonoro de um vento mais forte que ocorra naquele momento. Esses elementos são importantes e fazem parte da pesquisa etnográfica, mas ainda, faz parte do sentimento e da ideia com que o pesquisador irá interpretar, observar seu campo. Ainda dentro do exemplo do cemitério (é importante falar deste lugar como campo antropológico, pois já tivemos neste universo, pelo menos dois trabalhos com resultados muito interessantes, através do LEPPAIS), ao caminhar entre os túmulos, poderíamos parar, e começar a desenhar sobre um determinado ponto, com isso, contextualizá-lo com um cenário em volta, com utilização do dobro de tempo que

passaríamos olhando para esse ponto. Isso muitas vezes revela muitos detalhes que rapidamente não seriam observados, ou até mesmo algum tipo de movimentação daquele local, por precisarmos de elementos e traços que darão forma e sentido ao desenho.

Outro exemplo, no que tange ao contato com as pessoas em campo, se deu através desse método. Uma colega de laboratório, em seu trabalho de campo que envolve pessoas em situação de rua, desenhou um senhor juntamente com seus pertences, durante algum tempo, ela desperta a curiosidade do outro que está sendo observado. Logo após a imagem ficar pronta, ela se dirigiu ao senhor, informando-o que havia feito um desenho dele, e perguntou se ele queria ver, o interlocutor respondeu que sim, então ela lhe ofereceu a folha, para guardá-la consigo, mas ele não aceitou, pois disse não ter onde guardar e preservar o que ela tinha feito. Essa atitude simples da colega, fez com que ela se aproximasse de seu futuro interlocutor, gerando um primeiro diálogo, um “quebra gelo” que sempre ocorre quando conhecemos qualquer pessoa pela primeira vez, assim a partir dessa abordagem, conheceu sobre sua vida, sua história, e pôde realizar sua etnografia contando com um método muito inovador para a área de antropologia e demais ciências humanas.

4. CONCLUSÕES

Foi possível, com esta experiência, descobrir novas realidades, pois tanto professores quanto alunos têm dificuldades para transformar conhecimento adquirido através de leituras em experiências realmente vivenciadas e observadas e com esse exemplo mostramos o quão importante pode se tornar o desenho, com a potencialidade de incrementar um trabalho antropológico, tanto no contato humano, quanto na captação de informações visuais que o campo contém, transparecendo o exercício do antropólogo, de observar os detalhes da vida, dos lugares, aqueles que se tornam banais por serem tão corriqueiros, ou que não chamam a atenção de diversas pessoas, por não apresentarem nenhum formato ou presença imponente, mas que denuncia muito sobre as relações humanas que se traçam nesses determinados espaços.

Compreendendo o papel desafiador do ensino e da incorporação do desenho em antropologia, apesar de ainda pouco discutido e menos ainda executado, percebe-se seu potencial para torna-se um importante instrumento do método etnográfico. Mas ainda, trata-se de um objeto de reflexão que auxilia o pesquisador na percepção de universos estranhos e familiares, capaz ainda de incrementar as relações intersubjetivas com os interlocutores em campo. Por estes motivos, o ensino do desenho apresenta-se como um instrumento a ser explorado no âmbito das pesquisas antropológicas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar. **Cadernos de Arte e Antropologia**, vol. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

KUSCHNIR, Karina. “Desenhando cidades.” **Revista Sociologia & Antropologia**, Vol. 2 n. 4, p. 295-314. 2012.